

REPORTAGEM ESPECIAL

Família Ferrari aposta no 'colha e pague' de hortaliças

Ana Esteves, especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

A colheita de alimentos da horta é uma atividade corriqueira para muitos, mas para a grande maioria das pessoas é algo inusitado, a ponto de a atividade ter se tornado atração turística. De olho nessa tendência, a Agroecologia Ferrari, do município de Arroio do Meio, resolveu transformar o espaço de olerícolas da propriedade em ponto de interesse para turistas do Estado e de fora dele.

“Começamos em 2013 com o turismo como forma de diversificar a produção da nossa agroindústria. Nossa proposta é o colha e pague: a pessoa vai na horta, escolhe o que gostaria de levar e ela mesma colhe. Pode usar chapéu de palha para ficar bem típica e nós orientamos todo o processo de colheita dos alimentos”, afirma a proprietária da Agro Ferrari, Márcia Ferrari, que divide a tarefa com o marido Carlos Ferrari. Ela conta que, no início, as visitas eram intensas de turistas e escolas, cujas crianças nunca tinham experimentado a colheita dos alimentos.

“Depois, veio a pandemia de

Covid-19, a enchente, e reduziu o movimento, mas estamos nos reestruturando”, conta a agricultora. Os Ferrari começaram a atividade com o cultivo de hortaliças agroecológicas há 22 anos, com a proposta de “cuidar da saúde da família e cuidar das pessoas”. As vendas eram feitas em supermercados, em pequena escala, pois naquela época ainda não havia a valorização dos orgânicos como ocorre hoje.

A ideia de criar um roteiro turístico na comunidade de Forqueta, distrito de Arroio do Meio, surgiu na escola local, em função do alto nível de organização das famílias que vivem na localidade. “Nossa comunidade é tão linda que as pessoas de fora precisavam conhecer. E nós fizemos toda a capacitação para poder participar do roteiro”, diz Márcia.

O município de 22 mil habitantes conta com dois roteiros turísticos, o Caminhos da Forqueta e o Entre Vales e Rios, que inclui visita à cidade, além dos caminhos do Interior. A família Ferrari participa dos dois, pois desde o início atuou, junto à Câmara dos Vereadores de Arroio do Meio com um trabalho de conscientização, junto aos outros participantes das rotas,



Márcia e o marido Carlos recebem e auxiliam os visitantes em todo o processo de colheita dos alimentos

sobre a importância de trabalhar com turismo rural.

“Ao ingressar na cidade, os turistas entram em contato com a nossa história, podem visitar a igreja, a Casa do Mundo, a Ponte de Ferro, que é a ponte histórica”, enumera Márcia. O roteiro pelo Interior inclui, além dos Ferrari, um alambique, casas centenárias, artesanato, apiário de abelhas sem

ferrão, as igrejas católica e evangélica e um camping.

Márcia conta que, além da atividade com turismo, a família segue comercializando o que colhe da horta em uma feira de produtos orgânicos, realizada ao sábados no centro da cidade. Com a reinauguração da ponte da ERS 130, que liga Lajeado a Arroio do Meio, Márcia diz que a expectativa é de retor-

no dos turistas, uma vez que o município só podia ser acessado pela antiga ponte de ferro, pela qual só passa um veículo de cada vez.

“As pessoas não vinham pois era bem difícil”, recorda. A horta da família é bem variada e tem desde as hortaliças típicas como abóbora, até temperos dos mais variados e frutas, como morangos, os preferidos dos turistas.

Cultura pomerana movimentando turismo e gastronomia na cidade de Arroio do Padre

O conceito de turismo rural está muito atrelado às raízes de quem o pratica. É o caso da empresária Ecléia Kruger, que nasceu e se criou no município de Arroio do Padre, a 34 quilômetros de Pelotas. Ela precisou morar na cidade grande por questões de estudo e profissionais, mas decidiu voltar às origens para promover a cultura alemã em sua propriedade.

“Meus pais e os pais do meu marido eram trabalhadores rurais, na área de fruticultura e fumo. Nós acabamos migrando para a cidade grande, mas as raízes ficaram em Arroio do Padre e hoje estamos fazendo o caminho de volta para elas”, afirma a Ecléia, que é proprietária do sítio Casa da Figueira. A cultura alemã está em cada canto da casa centenária, comprada e restaurada por Ecléia para abrigar o empreendimento.

“Nosso carro-chefe é a culinária pomerana e afetiva que aprendi a cozinhar com minha mãe. Os pratos são todos produzidos por mim, nada vem de fora, para que o visitante possa experimentar a verdadeira comida que meus antepassados cozinham e degustavam”,

acrescenta Ecléia. Ela conta que se baseia nos cafés coloniais de antigamente, quando a comunidade, no final de semana, fazia uma festa de igreja e cada família levava algo que preparava em suas cozinhas para compartilhar.

As atividades eram para ter iniciado em 2019, mas, com a pandemia de Covid-19, precisaram ser adiadas e, no dia 1º de maio, completará três anos de funcionamento. “Nos surpreendemos muito com o quão rápido foi a evolução do negócio, de como o turismo rural está aquecido e as pessoas têm optado por conhecer lugares pequenos que estão se destacando na área, como Arroio do Padre que é essencialmente rural, mas que tem atraído muitos visitantes”.

O município de 2,9 mil habitantes é enclave de Pelotas, ou seja, está completamente cercado pelo território pelotense, e encontra-se localizado na Mesorregião Sudeste Rio-Grandense, tendo seu acesso pela ERS 737. “A estrada está toda asfaltada, o que facilitou muito o acesso das pessoas”, afirma Ecléia. A cultura predominante no município é a pomerana, devido à

colonização europeia ocorrida no século XIX.

As primeiras famílias alemãs e pomeranas começaram a se estabelecer na região por volta de 1850. Desembarcaram de navio transatlântico em Rio Grande e seguiram por rota aquática até São Lourenço do Sul, ocupando as margens do Arroio Grande, de Turuçu e do atual município de Arroio do Padre. “Tem que ter essa proximidade com os municípios de Pelotas, Rio Grande, Canguçu, Morro Redondo, Turuçu, São Lourenço... bem no meio. E faz parte da Serra dos Tapes, que está se desenvolvendo muito turística-mente”, destaca Ecléia.

A empresária conta que a ideia de fomentar o turismo na região iniciou com a percepção de que as atrações do município iam além da cachoeira do Camboatá, principal ponto turístico natural de Arroio do Padre. “Pensávamos: como que pode um município tão bonito com essa característica toda de serra, esse sobe e desce com curvas, esse clima de serra e não conseguíamos trabalhar com turismo?”, pondera.

Pois a iniciativa deu certo e reuniu outros empreendimentos da

região. A agenda da casa da Figueira lota todos os finais de semana, com uma demanda alta e que deve crescer ainda mais com a chegada do inverno. “Nosso foco é o café colonial, a cara do inverno”, diz Ecléia.

O trabalho da família Kruger foi importante também pelo lado do patrimônio histórico da cidade: eles compraram uma casa antiga, que estava se deteriorando e promoveram o restauro dela, trazendo a memória de volta e preservando-a.

“É uma casa importante para o município e como ainda não se tem aqui essa questão do tombamento das casas, nós conseguimos salvá-la, pois já estava em estado de tapera. Ela é parte da história da colonização pomerana na região”. A casa foi comprada em 2013 e reformada aos poucos: adaptando os espaços, a área externa com os jardins, os caminhos para acesso dos visitantes, estacionamento.

“Pois a ideia, além do café, era de que as pessoas pudessem descansar nos jardins, após a ocupação da mesa. Fornecemos uma manta para que os turistas possam deitar em uma sombra, embaixo de uma

árvore e viver a vida no campo. Não é um lugar para chegar, comer e ir embora, a ideia é de imersão mesmo, sem tumulto, sem aglomeração de pessoas”. Ecléia conta que a Casa da Figueira faz parte do roteiro Belos Caminhos de Arroio do Padre, que tem a cachoeira, uma floricultura, uma trattoria e também o centro da cidade.



Casa da Figueira oferece culinária típica para todos os paladares